

Arthur Conan Doyle

A TERRA DA BRUMA

EDIÇÃO COMENTADA

Seguido dos contos do professor Challenger

Apresentação:

Bruno Zeni

Tradução do romance:

Maria Luiza X. de A. Borges

Tradução dos contos:

Alexandre Barbosa de Souza

Notas:

Bruno Costa



Copyright desta edição © 2014:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Juliana Romeiro | Consultoria: Geísa Pimentel Duque Estrada

Revisão: Carolina Sampaio, Eduardo Farias | Projeto gráfico e composição: Mari Taboada

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784t Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930
A terra da bruma: edição comentada/Arthur Conan Doyle; tradução Maria
Luiza X. de A. Borges, Alexandre Barbosa de Souza. – 1.ed. – Rio de Janeiro:
Zahar, 2014.

(Clássicos Zahar)

Tradução de: The land of mist

Seguido dos contos do professor Challenger

Apêndice

ISBN 978-85-378-1309-6

1. Romance inglês. I. Borges, Maria Luiza X. de A. II. Souza, Alexandre
Barbosa de. III. Título. IV. Série.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

14-14247

1

Em que nossos enviados especiais entram em ação

O eminente professor Challenger¹ foi – muito imprópria e imperfeitamente – usado em ficção. Um autor atrevido colocou-o em situações impossíveis e românticas para ver como ele reagiria a elas. A reação foi um processo por difamação, uma petição malograda para que as obras fossem retiradas de circulação, um tumulto em Sloane Street,² dois ataques pessoais e a perda de seu cargo de professor de fisiologia na Escola de Higiene Subtropical de Londres.³ No mais, a questão foi superada de maneira mais pacífica do que se poderia imaginar.

Mas ele vinha perdendo algo de seu ardor. Os ombros enormes tornaram-se um pouco arqueados. A barba basta e aquadrada exibia emaranhados grisalhos em meio ao preto, os olhos estavam um tantinho menos

1. George Edward Challenger, mais conhecido como professor Challenger, é um dos personagens fictícios mais carismáticos criados por Conan Doyle, depois de Sherlock Holmes e Watson. Challenger foi baseado no professor de fisiologia William Rutherford, da Universidade de Edimburgo, onde o autor fez seus estudos de medicina. De personalidade forte, agressiva e controladora, este homem de ciência aparece pela primeira vez no romance *O mundo perdido*, de 1912. No ano seguinte, protagoniza outro romance, *A nuvem da morte*, reaparecendo neste *A terra da bruma* (1926) e em dois contos, “Quando o mundo gritou” (1928, ver p.281) e “A máquina de desintegração” (1929, ver p.313).

2. Rua de Londres que liga Knightsbridge a King’s Road, onde ficava localizado o St. George’s Hospital, transformado em escola de medicina em 1820.

3. A London School of Hygiene & Tropical Medicine, fundada em 1899 por Sir Patrick Manson, localizada no Albert Dock Seamen’s Hospital, no distrito das Docas de Londres.

agressivos, o sorriso menos arrogante; a voz continuava monstruosa como sempre, mas menos pronta a calar aos gritos qualquer oposição. Contudo, ele era perigoso, como bem sabiam, dolorosamente, todos os que o cercavam. O vulcão não estava extinto, e estrondos constantes ameaçavam transformar-se em uma nova erupção. A vida ainda tinha muito a lhe ensinar, mas ele estava um pouco menos intolerante para aprender.

Havia um marco inicial para a mudança que se vinha operando nele. A morte de sua mulher. Aquele pedacinho de gente fizera morada no coração do imenso homem. Ele tivera toda a ternura e todo o cavalheirismo que os fortes podem ter para com os fracos. Cedendo tudo, ela tudo conquistara, como uma mulher gentil e provida de tato sabe fazer. E quando morreu subitamente de uma pneumonia viral que se seguiu a uma gripe, o homem cambaleou e caiu. Ele se reergueu com um sorriso triste, como um boxeador golpeado, pronto para continuar por muitos rounds contra o Destino. Mas não era mais o mesmo homem, e, não fosse a ajuda e a companhia da filha Enid, talvez nunca tivesse se refeito do golpe. Era ela que, com inteligente habilidade, o atraía para todo assunto capaz de atíçar-lhe a natureza combativa e enfurecer-lhe a mente, até que ele voltou a viver no presente e não no passado. Só quando o viu turbulento, imerso em controvérsias, violento com jornalistas e ofensivo em geral com os que o cercavam, a jovem sentiu que o pai estava realmente a caminho da recuperação.

Enid Challenger era uma moça extraordinária e merece um parágrafo para si. Com o cabelo negro do pai, os olhos azuis e o colorido suave da mãe, era notável, se não bonita, na aparência. Era discreta, mas muito forte. Desde a infância, tivera de impor-se perante o pai, ou teria sido esmagada e tornado-se um mero autômato manobrado por mãos fortes. Era vigorosa o bastante para curvar-se com gentileza e flexibilidade aos humores do pai, reafirmando-se quando eles tinham passado. Ultimamente a pressão constante lhe havia parecido demasiado opressiva, e ela a aliviara tentando encontrar uma carreira. Fazia trabalhos esporádicos para a imprensa de Londres e dedicava-se a eles de tal modo que seu nome come-

çava a ficar conhecido em Fleet Street.⁴ Para isso, valera-se da imensa ajuda de um velho amigo do pai – e possivelmente de seus leitores –, sr. Edward Malone,⁵ da *Daily Gazette*.

Malone ainda era o mesmo irlandês atlético que chegara a jogar uma vez pela seleção nacional de rúgbi, mas a vida também lhe abatera o vigor e fizera dele um homem mais dócil, mais atencioso. Abrira mão de muita coisa ao aposentar de vez as chuteiras. Talvez seus músculos tenham definido e as articulações enrijecido, mas sua mente estava mais afiada e ativa. O menino estava morto, e o homem nascera. Fisicamente, mudara pouco, mas seu bigode estava mais espesso, as costas um pouco encurvadas, e algumas linhas de expressão se desenhavam em sua fronte. O pós-guerra e os novos problemas mundiais tinham deixado sua marca.⁶ No mais, fizera seu nome no jornalismo e até, em pequena medida, na literatura. Continuava solteiro, embora alguns pensassem que os liames que o prendiam a essa condição eram precários e que os dedinhos brancos da srta. Enid Challenger poderiam desatá-los. Os dois eram sem dúvida ótimos amigos.

Era uma noite de domingo em outubro, e as luzes começavam a piscar através do fog que amortalhava Londres desde o raiar da manhã. O apartamento do professor Challenger em Victoria West Gardens ficava

4. Rua de Londres, próxima ao rio Fleet. A primeira tipografia a funcionar nessa rua remonta ao início do séc.XVI e foi ali que se instalou, a partir do séc.XVIII, grande parte dos jornais ingleses, o primeiro deles, o *Daily Courant*, em 1702. Por volta de 1980, quase todos os jornais já haviam se mudado para outras regiões de Londres, sendo a agência Reuters a última a se trasladar, em 2005. Apesar disso, o nome Fleet Street continua sendo intimamente associado à imprensa britânica.

5. Edward Malone é o narrador de *O mundo perdido*, um jovem repórter em busca de aventura. O personagem foi inspirado em Edmund Morel, um jornalista que durante a Primeira Guerra Mundial participou da Union of Democratic Control, organização com fins pacifistas.

6. A Primeira Guerra Mundial foi devastadora para a Europa, em grande parte, por ter sido o primeiro grande conflito entre nações a fazer uso das novas tecnologias bélicas. As condições e problemas aos quais Conan Doyle alude podem ser os seguintes: a fome, o alastramento das doenças contagiosas, o desemprego e a derrocada da economia europeia, as cidades arrasadas, afora, no plano político, o nascimento dos regimes totalitaristas.

no terceiro andar, e a bruma adensava-se contra as janelas, enquanto o zumbido baixo do tráfego atenuado de domingo erguia-se de uma rua invisível sob ela, delineada apenas por manchas dispersas de débil luminosidade. Challenger estava sentado diante da lareira, com as pernas grossas e arqueadas estendidas e as mãos no fundo dos bolsos da calça. Seu traje tinha um pouco da excentricidade do gênio, pois usava uma camisa de colarinho frouxo, uma grande gravata de seda marrom e um smoking preto de veludo, o que, com sua barba comprida, dava-lhe a aparência de um velho pintor boêmio. Ao seu lado, pronta para uma excursão, com chapéu-sino, vestido preto curto e todos os outros estratagemas que as mulheres inventam para deformar os encantos da natureza, sentava-se sua filha, enquanto Malone, chapéu na mão, esperava junto à janela.

– Acho que deveríamos sair, Enid. São quase sete horas – disse ele.

Os dois estavam escrevendo artigos conjuntos sobre as denominações religiosas de Londres, e a cada noite de domingo investigavam mais uma, a fim de obter material para a edição da *Gazette* da semana seguinte.

– Só começa às oito, Ted. Temos muito tempo.

– Sente-se, senhor! Sente-se! – esbravejou Challenger, puxando a barba como era seu hábito quando ficava irritado. – Não há nada que me perturbe mais do que ter alguém de pé atrás de mim. Uma relíquia atávica e o medo de uma adaga, mas ainda persistente. Assim está bom. Pelo amor de Deus pouse o seu chapéu. Você tem perpetuamente o ar de quem vai pegar um trem.

– É a vida jornalística – respondeu Malone. – Se não tomamos o perpétuo trem, ficamos para trás. Até Enid está começando a entender isso. Mesmo assim, como você disse, temos muito tempo.

– Quantas vocês já fizeram? – perguntou Challenger.

Enid consultou um bloquinho de bolso.

– Sete. Fomos à abadia de Westminster⁷ para a Igreja Anglicana em sua forma mais deslumbrante, à Saint Agatha para a Igreja Alta e à Tudor

7. Oficialmente denominada Igreja do Colegiado de São Pedro em Westminster, a abadia é uma construção de grande porte e arquitetura gótica, situada próxima ao Palácio de Westminster e principal sede religiosa dos anglicanos. Tem importância histórica como local de coroações e mausoléu para os monarcas ingleses e britânicos.

Place para a Baixa.⁸ Depois fomos à catedral de Westminster⁹ para os católicos, Endell Street para os presbiterianos e Gloucester Square para os unitários. Mas hoje estamos tentando introduzir alguma variedade. Vamos pesquisar os espíritas.¹⁰

Challenger bufou como um touro furioso.

– E na semana que vem, os asilos de lunáticos, presumo – disse ele. – Você não está querendo dizer, Malone, que esse pessoal dos fantasmas tem suas próprias igrejas.

– Andei investigando isso – respondeu Malone. – Sempre procuro fatos objetivos antes de escrever um artigo. Eles têm mais de quatrocentas igrejas registradas no Reino Unido.

Agora as baforadas de Challenger soavam como um rebanho inteiro de touros.

– Parece não haver limite para a idiotice e a credulidade da raça humana. *Homo sapiens! Homo idioticus!* Para quem eles rezam, para os fantasmas?

– Bem, isso é o que queremos descobrir. Provavelmente eles poderão nos fornecer algum material. Não preciso dizer que compartilho inteiramente da sua visão, mas há pouco tempo li alguma coisa de Atkinson, do St. Mary's Hospital.¹¹ É um cirurgião em ascensão, você conhece?

8. A Igreja Alta consistia numa ala dos anglicanos, também chamados de anglocatólicos, caracterizados pela ênfase nos cultos tradicionais e pela aversão à modernização da liturgia. A Igreja Baixa era a ala dos anglicanos mais ligada aos preceitos de simplicidade litúrgica protestante, que desdenhava os sacramentos, o prelado e o episcopado, privilegiando a evangelização.

9. A catedral de Westminster, igreja em estilo gótico localizada no distrito de mesmo nome, em Londres, é a igreja dos católicos romanos.

10. Seguidores do espiritismo, doutrina religiosa baseada na sobrevivência da alma após a morte do corpo e na possibilidade de iluminação dos vivos por meio da comunicação com os espíritos desencarnados. Seu maior apólogo e sistematizador foi o francês Hyppolite Léon Denizard Rivail (1804-69), mais conhecido como Allan Kardec. O interesse de Conan Doyle – que se descrevia agnóstico ao ingressar na Universidade de Edimburgo, aos dezessete anos – pelo espiritismo foi gradual, intensificando-se após a morte do filho em decorrência de ferimentos sofridos na Primeira Guerra Mundial. Doyle escreveu livros e artigos sobre o assunto, participou de sessões, fundou e apoiou sociedades espíritas e percorreu o mundo como palestrante do tema.

11. H.G. Atkinson participou de experimentos sobre mediunidade na década de 1860, com o objetivo de verificar sua autenticidade, no St. Mary's Hospital, em Paddington, Londres, ao lado de eminentes médicos e outras personalidades.

– Já ouvi falar, cerebrosposinal.

– Esse mesmo. É um homem equilibrado e é considerado uma autoridade em pesquisa psíquica, como eles chamam a nova ciência que trata desses assuntos.

– Ciência, francamente!

– Bem, é como eles a chamam. Ele parece levar essa gente a sério. Eu o consulto quando quero uma referência, porque tem a literatura na ponta da língua. “Pioneiros da Raça Humana”, foi sua descrição.

– Conduzindo-a direto para Bedlam¹² – rosnou Challenger. – E literatura! Que literatura eles têm?

– Sim, essa foi mais uma surpresa. Atkinson tem quinhentos volumes, mas queixa-se de que sua biblioteca psíquica é muito incompleta. Sabe, há obras francesas, alemãs, italianas, bem como nossas.

– Ora, graças a Deus toda essa loucura não está confinada à pobre e velha Inglaterra. Tolicie perniciososa!

– Você já estudou alguma coisa a respeito, pai? – perguntou Enid.

– Estudar! Com todos os meus interesses e sem tempo para metade deles! Você é absurda demais, Enid.

– Desculpe. Você falou com tanta segurança, pensei que sabia algo sobre o assunto.

Challenger girou a enorme cabeça e pousou seu olhar de leão sobre a filha.

– Você julga que um cérebro lógico, um cérebro de primeira ordem, precisa ler e estudar para detectar um despautério evidente? Devo estudar matemática para refutar o homem que me diz que dois mais dois são cinco? Devo estudar física de novo e escrever meus próprios *Principia*¹³ porque um trapaceiro ou tolo insiste que uma mesa pode se erguer no ar

12. Fundado originalmente em 1247, em Londres, o Bedlam Royal Hospital foi transformado por Henrique VIII no primeiro asilo para doentes mentais da Inglaterra, em 1547.

13. Alusão aos *Philosophiæ naturalis principia mathematica*, de Isaac Newton, tratado de física publicado em 1687 e sobre o qual estão fundadas as bases da mecânica clássica.

contra a lei da gravidade? São necessários quinhentos volumes para nos informar de algo que é provado em todo tribunal de polícia quando um impostor é revelado? Enid, estou envergonhado de você!

A moça riu alegremente.

– Certo, pai, não precisa mais berrar comigo. Eu me rendo. Na verdade, tenho a mesma impressão que você.

– Apesar disso – disse Malone –, alguns homens de bem os apoiam. Não me parece que se possa rir de Lodge,¹⁴ Crookes¹⁵ e dos outros.

– Não seja absurdo, Malone. Grandes mentes têm seu lado mais fraco. É uma reação contra todo o bom senso. De repente, nos deparamos com um veio de asneira completa. É o que acontece com esses sujeitos. Não, Enid, não li suas razões, tampouco pretendo fazê-lo; algumas coisas são inadmissíveis. Se formos reabrir todas as antigas dúvidas, como poderemos avançar com as novas? Essa questão está decidida pelo senso comum, a lei da Inglaterra e a concordância universal de todo europeu sensato.

– Então não se discute mais! – disse Enid.

– No entanto – continuou ele –, posso admitir que há desculpas ocasionais para equívocos em relação ao assunto. – Ele baixou a voz, e seus grandes olhos cinzentos pareceram fitar tristemente o vazio. – Sei de casos em que o mais frio intelecto, mesmo o meu próprio, poderia, por um momento, ter sido abalado.

Malone farejou informação.

– Ah, sim?

14. Sir Oliver Joseph Lodge (1851-1940), físico britânico, desenvolveu um modelo de telégrafo sem fio. Cristão espírita, era colega de Conan Doyle no Ghost Club, organização para o estudo de fenômenos psíquicos fundada em 1862, tendo escrito mais de quarenta livros sobre mediunidade e vida após a morte. Lodge foi um dos mais ferrenhos defensores e propagandistas da existência da vida após a morte e da possibilidade de comunicação entre este mundo e o mundo espiritual.

15. Sir William Crookes (1832-1919) foi um físico e químico britânico que realizou trabalhos importantes sobre espectroscopia e radiometria. Interessado nos fenômenos mediúnicos após a morte precoce do irmão caçula, fez experimentos em que observou levitações, luminosidades, deslocamentos de objetos etc. e publicou o resultado de suas investigações no livro *Researches in the Phenomena of Spiritualism*, de 1874. Foi um dos fundadores da Society for Psychical Research.

Challenger hesitou. Parecia estar lutando consigo mesmo. Desejava continuar, mas a fala era-lhe penosa. Depois, com um gesto abrupto, impaciente, mergulhou na história:

– Nunca lhe contei, Enid. Foi algo excessivamente íntimo. Talvez um grande desatino. Tive vergonha de ficar tão abalado. Mas isso mostra como até o mais equilibrado dos homens pode ser pego desprevenido.

– Continue, senhor.

– Foi depois da morte de minha mulher. Você a conheceu, Malone. Pode imaginar o que isso significou para mim. Foi a noite após a cremação... foi horrível, Malone, horrível! Vi o corpinho querido sendo baixado... e depois o clarão das chamas e a porta fechada com um estrondo.

Ele estremeceu e passou a mão grande e peluda sobre os olhos.

– Não sei por que lhes conto isto; a conversa pareceu induzir-me a fazê-lo. Talvez seja uma advertência para vocês. Aquela noite, a noite após a cremação, sentei-me no salão. Ela estava lá – acenou para Enid. – Adormecera numa poltrona, pobre menina. Você conhece a casa em Rotherfield, Malone. Foi no grande salão. Eu estava sentado junto à lareira, o aposento todo envolto em sombras, assim como minha mente. Eu deveria tê-la mandado para a cama, mas ela estava recostada na poltrona, e não quis acordá-la. Devia ser uma hora da manhã, lembro-me da lua brilhando através do vitral da janela. Fiquei sentado, divagando. Então, de repente, ouvi um barulho.

– Um barulho?

– Era baixo a princípio, apenas uma batidinha. Depois ficou mais alto e mais distinto, um claro toc, toc. Agora vem a estranha coincidência, o tipo de coisa da qual nascem lendas quando gente crédula a interpreta. Você deve saber que minha mulher tinha uma maneira peculiar de bater a uma porta. Era realmente uma melodiazinha que tocava com os dedos. Passei a fazer o mesmo, para que pudéssemos saber quando era o outro que batia. Claro que minha mente estava fatigada e fora de seu estado normal, mas pareceu-me que os toques se encaixavam no ritmo bem conhecido de sua batida. Não consegui localizá-los. Vocês podem imaginar com que avidez tentei. Era acima de mim, em algum lugar nas vigas de

madeira. Perdi a noção do tempo. Ouso dizer que isso se repetiu uma dúzia de vezes pelo menos.

– Papai, você nunca me contou!

– Não, mas eu a acordei. Pedi-lhe para ficar sentada quieta comigo um tempinho.

– Sim, lembro-me disso!

– Bem, ali ficamos, mas nada aconteceu. Nem mais um som. Claro que era uma ilusão. Algum inseto na madeira; a hera na parede de fora. Meu próprio cérebro forneceu o ritmo. Assim nos fazemos de tolos e crianças. Mas isso me deu um estalo. Vi como até um homem inteligente pode ser iludido por suas próprias emoções.

– Mas como sabe, senhor, que não era sua esposa?

– Absurdo, Malone! Absurdo, estou dizendo! Eu a vi em meio às chamas. O que sobrou?

– A alma, o espírito.

Challenger negou com a cabeça, entristecido.

– Quando aquele corpo querido se dissolveu em seus elementos, quando se evoluiu no ar e o que restou dele se desfez num pó cinzento, acabou tudo. Não houve mais nada. Ela cumprira seu papel belamente, com nobreza, e ele chegara ao fim. A morte põe fim a tudo, Malone. Essa conversa de alma é o animismo¹⁶ dos selvagens. É uma superstição, um mito. Como fisiologista, posso tentar produzir crime ou virtude por controle vascular ou estimulação cerebral. Transformarei um Jekyll num Hyde por meio de uma operação cirúrgica.¹⁷ Outro pode fazê-lo mediante sugestão psicológica. O álcool é capaz de fazê-lo. As drogas também. Absurdo, Malone, absurdo! A árvore permanece tal como tomba.

16. O animismo é a crença em entidades não humanas sob a forma de uma força vital que subsiste em determinados animais, lugares, objetos e fenômenos que se acredita terem uma essência espiritual.

17. Referência ao romance de Robert Louis Stevenson, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), mais conhecido no Brasil como *O médico e o monstro*. Ao ingerir um soro que ele próprio criara, o dr. Henry Jekyll dá vazão a seus impulsos mais sádicos e perversos, transformando-se no odioso mr. Edward Hyde. O romance epitomiza a dualidade do caráter e da personalidade humanos.

Não há uma manhã seguinte... noite, só a noite eterna e o longo repouso para o trabalhador fatigado.

– Bem, é uma triste filosofia.

– Melhor uma filosofia triste que uma falsa.

– Talvez. Há algo de viril e másculo em encarar o pior. Não vou contradizê-lo. Minha razão está com você.

– Mas meus instintos estão contra! – exclamou Enid. – Não, não, nunca poderei acreditar nisso. – Ela abraçou o grande pescoço de Challenger. – Não me diga, papai, que você, com todo o seu cérebro complexo e sua maravilhosa personalidade, após a morte, não terá mais vida que um relógio quebrado!

– Quatro baldes de água e um saco cheio de sais¹⁸ – disse Challenger, desvencilhando-se com um sorriso do abraço da filha. – É isso que o seu pai é, minha menina, e é melhor se conformar com a ideia. Bem, são vinte para as oito. Se puder, Malone, volte e conte-me suas aventuras entre os loucos.

18. Alusão aos principais constituintes do corpo humano: água e sais minerais. Trata-se de uma tirada cética para dizer que o corpo humano resume-se a isso e, portanto, não possui alma.